



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12336 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

POR ENTRE FRALDAS, BERÇOS E CHOCALHOS: ESPAÇOS, NARRATIVAS E VIVÊNCIAS NO BERÇÁRIO

Glacione Ribeiro da Silva Arruda - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

POR ENTRE FRALDAS, BERÇOS E CHOCALHOS:

ESPAÇOS, NARRATIVAS E VIVÊNCIAS NO BERÇÁRIO

Uma das grandes inquietações dos estudos sobre os bebês é pensar a relação destes com os espaços, mobiliários e materiais que a eles são ofertados nas instituições de Educação Infantil. A partir de uma ampliação do referencial teórico, chegamos a alguns postulados vigotskianos que são de suma importância para esse estudo. Um deles é a questão do meio no desenvolvimento. Segundo Vigotski (2018), “o papel do meio no desenvolvimento pode ser evidenciado apenas quando levamos em consideração a relação entre a criança e o meio” (p. 74), de forma que o meio, no sentido direto da palavra, se modifica para criança a cada degrau etário. Vigotski ressalta que alguns autores dizem que o desenvolvimento da criança consiste na ampliação gradativa do seu meio. O útero da mãe é o meio da criança que ainda não nasceu; após vir ao mundo, também dispõe, como meio próximo, de um ambiente muito pequeno, no qual o mundo não existe para o recém-nascido. Para essa criança, existe apenas o mundo que se relaciona diretamente com ela, ou seja, o que se articula em torno de um espaço estreito, formado por fenômenos e objetos ligados ao seu corpo. Aos poucos, esse mundo distante começa a se aproximar. No entanto, no início trata-se de um mundo pequeno: o mundo do quarto, do pátio mais próximo, da rua. Quando começa a andar, esse mundo se expande e, cada vez mais, novas relações entre a criança e as pessoas que a circundam se tornam possíveis.

Segundo Vigotski (2018), posteriormente, o meio se modifica por força da educação,

que “o torna específico para criança a cada etapa etária: na primeira infância, a creche; na idade pré-escolar, o jardim de infância; na idade escolar, a escola” (p. 75). Para ele, cada idade tem seu próprio meio, organizado para a criança de tal maneira que, quando tomado no sentido de algo puramente externo, se modifica na passagem de uma idade para outra.

Ao refletir sobre o atendimento aos bebês nas instituições de Educação Infantil, podemos pensar no berçário como um “meio institucional organizado para este atendimento”, de forma que neste meio os espaços são organizados e estruturados através de mobiliários, materiais e demais artefatos, compondo assim um grande “cenário” para este atendimento educacional. Nele ocorrem diversas atividades, eventos e interações: bebê-adulto-bebê, bebê com ele mesmo, bebês-adultos, bebê(s)-bebê(s), bebê(s)-espaços, bebê(s)-mobiliários, bebê(s)-materiais, entre outros.

A partir dos estudos da Pedologia (Vigostki, 2018), compreendemos que os critérios para a escolha e organização dos espaços, mobiliários e materiais no berçário devem levar em consideração uma maior compreensão sobre o desenvolvimento infantil como um todo e a influência do meio neste desenvolvimento.

Segundo Vigotski (2018), até mesmo quando o meio se mantém pouco alterado, o mero fato de “a criança mudar, no processo de desenvolvimento, faz com que se modifiquem o papel e o significado dos momentos do meio que parecem inalterados” (p. 75). Um evento que tem determinado significado desempenha um papel numa idade específica, e, dois anos depois, começa a ter outro significado e a desempenhar outro papel por força de mudanças da criança, ou seja, a relação da criança com aqueles eventos do meio mudou. Para ele, “os momentos essenciais para a definição da influência do meio no desenvolvimento psicológico, no desenvolvimento da personalidade consciente são a vivência” (ibid). A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança.

Para Vigotski (2018) a vivência é “uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia- a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa- e, por outro lado, como eu vivencio isso” (p. 78). Ou seja, as especificidades da personalidade e do meio estão representadas na vivência: o que foi selecionado do meio, os momentos que têm relação com determinada personalidade e foram selecionados desta, os traços do caráter, os traços constitutivos que tem relação com certo acontecimento. Dessa forma, cabe ressaltar que para pensar o papel do meio no desenvolvimento da criança torna-se necessário fazer uma análise do ponto de vista de suas vivências pois nelas são levadas em conta “as particularidades pessoais que participaram da definição da relação da criança com uma dada situação”, sendo importante saber “não apenas quais são as particularidades constitutivas da criança, mas quais delas em dada situação, desempenham papel decisivo na definição da relação da criança com determinada situação,

enquanto em situação distinta, outras o fizeram” (ibid).

No que diz respeito a escolha e organização dos espaços, mobiliários e materiais para o atendimento aos bebês no berçário, a mesma deve ser feita entendendo a especificidade desta fase do desenvolvimento, não numa visão etapista mas sim numa ideia de ciclos de desenvolvimento, que ocorrem diferentemente para cada bebê. Para entender a especificidade desta fase do desenvolvimento, é preciso percorrer os trajetos dos bebês, através daquilo que eles narram com os seus corpos, com os ditos e os não ditos.

O bebê pode ser compreendido como um sujeito desejante, livre e autônomo, que chega potencialmente ao mundo, infletindo e transgredindo os tempos, espaços e lugares. O bebê não é um devir, um não-ser, ou um ente ainda sem ser. Ele é e está no mundo; se relaciona alteritariamente, estabelecendo vínculos afetivos, ou seja, estando disponível para o outro. Cabe a nós, os adultos, cartografar seus trajetos e afetos, e interpretar o que enunciam através de seus corpos, gestos, olhares, dos ditos e não ditos. Olhar para as políticas, para a educação, para as leis, programas e propostas, enfim, para a vida, a partir dos bebês, é pensar com outra lógica, que desestabiliza nosso racionalismo ocidental, e nos leva a um desapego de ideias, conhecimentos e concepções. Para não concluir, seguimos na tentativa de um conceito, e, para tal, incluímos o verbete bebê, através de um olhar alteritário sobre esse sujeito; sobre essa pessoa.

Palavras-chaves: bebês; espaços; vivências; Vigotski.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEB, 2009. In: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/indic_qualit_educ_infantil.pdf. Acesso em: 10/07/2017.

_____. *Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2006. In: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/miolo_infraestr.pdf Acesso em: 10/07/2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedagogia*. Tradução e organização: Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.